

Age? Ou diz amém?

JUSTIÇA O STF tem pela frente um semestre capaz de influenciar o rumo do País. Mas logo tropeçamos em Toffoli e Fux...

POR ANDRÉ BARROCAL

No topo do Judiciário mais caro do planeta, os 11 juizes do Supremo Tribunal Federal, salário de 39 mil reais, voltaram da mordomia das férias de julho e a promessa é de emoções para Jair Bolsonaro, o presidente pinóquio, e Sérgio Moro, o ministro da Justiça enrascado em conversas secretas dos tempos de juiz. Ou o STF, odiado pelos bolsonaristas raivosos, e com Dias Toffoli, seu comandante, e Luiz Fux, o vice, a namorar Bolsonaro à luz do dia, fará genuflexão?

A tentativa do governo, pela Medida Provisória nº 881, de botar o Estado mínimo na lei e acima da Constituição aguarda decisão do Supremo. Idem a proteção de Glenn Greenwald contra a *lawfare* de Moro. Este quis destruir material recolhido pela Polícia Federal na prisão de um quarteto de Araraquara envolvido em *hackeamento* de autoridades, e o STF foi acionado para impedir (só juiz ordena destruir). Moro vazou ao chefe um inquérito confidencial da PF sobre laranjas do PSL, o ex-capitão mandou botar a polícia em cima de todos os partidos, e o Supremo examinará se houve quebra do sigilo funcional e improbidade da dupla. Moro achava a delação de Antonio Palocci meia-boca, divulgou-a assim mesmo perto da eleição, e o STF analisará se ele prevaricou. Bolsonaro debochou do fim de um desaparecido na ditadura, disse saber a “verdade”, e foi

interpelado na corte pela OAB, dirigida pelo filho do sumido: se o presidente sabe de algum crime, que fale.

O julgamento mais importante na fila, dadas as consequências políticas, é um *habeas corpus* de Lula a pedir que Moro seja declarado suspeito para ter tocado seus processos. O HC deu entrada em novembro de 2018, após Moro aceitar ser ministro de Bolsonaro. Estava parado desde dezembro e voltou à baila em junho, graças ao The Intercept. Nas conversas reveladas pelo site, vê-se que Moro orientou e aconselhou os acusadores de Lula na força-tarefa da Operação Lava Jato em Curitiba. Indicou testemunha, pediu troca de procuradora em depoimentos, tratou a defesa como “showzinho”, instruiu sobre o momento de ações de campo da PF. Conduta



violadora do artigo 254 do Código de Processo Penal. Por este artigo, “se tiver aconselhado qualquer das partes”, um magistrado deve declarar-se suspeito. Se o STF declará-lo, o efeito será anular a condenação de Lula no caso do triplex.

Valeska Martins, advogada do petista, espera por um desfecho em breve. “O ex-presidente foi vítima de *lawfare*, as conversas do Moro reveladas pelo The Intercept mostram isso”, diz. *Lawfare*: guerra em que o Estado usa a lei como arma contra o “inimigo”. O HC está em uma das duas turmas de cinco juizes do STF. Dois são tidos como votos certos pró-Lula, pela visão sobre a Lava Jato, Gilmar Mendes e Ricardo Lewandowski. Celso de Mello é a dúvida, o minerva. Já votou pela suspeição de Moro no caso de um doleiro, em 2013. Mas não gosta de Lula, lembra um funcionário do STF. Por outro lado, ex-assessores do decano acham que, por estar no fim da carreira (aposenta-se em novembro de 2020), ele hoje vota de olho na História e na defesa dos indivíduos contra o Estado. Outros dois juizes foram pró-Moro, em dezembro, Edson Fachin e Cármen Lúcia. Algum deles mudará o voto?

Será a chance para Fachin, o homem da Lava Jato no Supremo, punir Moro. Em 8

A figura mais desprezível do cenário político brasileiro, segundo o historiador Perry Anderson



TAMBÉM
NESTA
SEÇÃO



pág. 32

Barbárie. O massacre em Altamira é o maior desde o Carandiru, e Bolsonaro zomba das vítimas

de julho, em palestra na Justiça Eleitoral do Paraná, afirmou que “juízes também cometem ilícitos e também devem ser punidos”. Mais: “Juiz algum tem uma Constituição para chamar de sua. Juiz algum tem o direito à prerrogativa de fazer do seu ofício uma agenda pessoal ou ideológica”. Dados o teor, a ênfase e o momento das palavras, parecia referir-se a Moro e às conversas secretas. Aliás, o próprio Fachin havia despontado dias antes no *The Intercept*. Em 13 de julho de 2015, um mês depois de entrar no STF, recebeu Dallagnol, e este escreveu a colegas para contar: “Caros, conversei 45 minutos com o Fachin. Aha, uhu o Fachin é nosso”.

Se ficar só no que pareceu bronca em Moro, Fachin repetirá o falecido Teori Zavascki e dará um sinal aos 18 mil magistrados de que passar dos limites custa no máximo um puxão de orelha. Depois de Moro divulgar um telefonema gravado ilegalmente de Lula e Dilma Rousseff, a então presidenta foi ao Supremo. Zavascki mandou Moro enviar todos os telefonemas de pessoas com o direito a julgamento no STF, caso da própria petista na ocasião, e advertiu o ex-juiz. “É

Dallagnol e Moro mantidos na berlinda pelas revelações do *The Intercept*



CARLOS MOURA/STF, FERNANDO FRAZÃO/IA BR E LULA MARQUES



Seu País



Mendes e Lewandowski, críticos antigos dos abusos da Lava Jato, têm nas mãos ações com as quais podem punir Moro e Dallagnol. Irão? No caso de Lula, esperam que o decano ajude a punir o ex-juiz

descabida a invocação do interesse público da divulgação ou a condição de pessoas públicas dos interlocutores atingidos, como se essas autoridades, ou seus interlocutores, estivessem plenamente desprotegidas em sua intimidade e privacidade”, escreveu em despacho. E ficou nisso.

Se Zavascki tivesse agido de outra forma, o TRF4, instância acima de Moro quando este era juiz, teria decidido, em setembro de 2016, que a divulgação do telefonema fazia parte de “soluções inéditas” que a Lava Jato estava liberada para adotar? Teria o Conselho Nacional de Justiça se recusado a examinar uma ação disciplinar contra Moro? Agora o ex-juiz sente-se à vontade para dizer, como disse ao *Roda Viva* de 26 de março de 2018: “A minha posição perante o Supremo Tribunal Federal foi no sentido de pedir escusas pela controvérsia gerada. Mas eu jamais pedi desculpas pela divulgação daqueles áudios”.

De modo geral, não há lá muita esperança no PT quanto à vitória de Lula na suspeição de Moro. Um amigo do prisioneiro vê um pepino. Como o STF solta Lula sem passar ao País a ideia de fim

da Lava Jato? O ex-presidente preocupou-se com isso ao divulgar uma carta em junho: “Alguns dizem que ao anular meu processo estarão anulando todas as decisões da Lava Jato, o que é uma grande mentira, pois na Justiça cada caso é um caso”. Para esse amigo, Lula livre resolveria um problema interno do PT, o da unidade. Gleisi Hoffmann, presidente do partido, é lulista fiel, mas não é aceita por certas alas. Com Lula solto, quem teria problema seriam os adversários. Ao passar pela Universidade de Brasília em junho, Dilma comentou que o prisioneiro, e só ele, consegue alterar o jogo de forças políticas no País. “É



o Lula que mostra o caráter de exceção deste governo e que há um outro caminho possível (*graças ao governo que fez*).

Sorte de Lula, e azar de Bolsonaro e Moro, que a dupla à frente do STF está fora do julgamento do HC. Toffoli e Fux bolsonarizaram-se. Em um livro recém-lançado sobre a corte, *Os Onze – O STF, seus bastidores e suas crises*, os jornalistas Felipe Recondo e Luiz Weber contam que Toffoli quis pontes com Bolsonaro desde a posse no comando do tribunal, em setembro de 2018, meados da eleição. Achava que o ex-capitão ganharia e escolheu um general para ser seu assessor no STF, Fernando de Azevedo e Silva, hoje ministro da Defesa. Temia 300 mil homens armados do Exército que para ele na maioria apoiavam Bolsonaro e tinham na chefia o general Eduardo Villas Bôas, hoje assessor no Palácio do Planalto. Por aqueles dias, Toffoli falou em “movimento”, não em golpe de 1964, motivo para o historiador britânico Perry Anderson tê-lo chamado, em fevereiro, de “provavelmente a figura mais desprezível de todo o atual cenário político” brasileiro.

O telhado de vidro deve ter estimulado a bolsonarização de Toffoli. Segundo conversas reveladas pelo *The Intercept* no dia da reabertura do Supremo, o chefe da força-tarefa da Lava Jato em Curitiba, Deltan Dallagnol, incentivou que colegas, inclusive com dicas, a ir para cima de Toffoli. Que, por ser do STF, só poderia ser investigado na corte. Seus encontros com Bolsonaro mostram uma “intimidade absolutamente nociva”, na visão de um ex-ministro da Justiça do governo FHC, o advogado José Carlos Dias, para

Celso de Mello, na sua imitação da Esfinge de Gizé



quem a condenação de Lula pelo triplex merece anulação. Imagine-se quando Toffoli der lugar a Fux à frente do STF, em setembro de 2020.

Na véspera de a corte reabrir, o ex-capitão reuniu-se repentinamente, no Planalto, com aquele que estará à frente do Supremo no biênio final de seu mandato. “É o próximo presidente do STF, tenho que começar a namorá-lo a partir de agora”, disse após a conversa. Recorde-se: Fux relata duas ações penais contra Bolsonaro por injúria e incitação ao estupro, as quais foram paralisadas pelo juiz em fevereiro, pois um presidente não pode ser julgado por atos anteriores ao mandato. Seu filho Rodrigo advoga para dirigentes do setor de praticagem, financiadores da campanha do senador Flávio Bolsonaro. Seu secretário-geral, quando comandava o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), decretou, em 7 de março de 2018,

Cinco dias após o impeachment de Dilma, Fux disse a Dallagnol: “Contem comigo”

sigilo até 2023 das atas de reuniões realizadas pelo tribunal sobre combate a *fake news*. Jair Bolsonóquio, mentiroso desde a eleição, agradece.

Em 5 de julho, Fux foi a um seminário em São Paulo promovido pela consultoria financeira XP, do Itaú. Parecia o ministro da Economia de Bolsonaro. Pregou reforma da Previdência e mais reforma trabalhista, antes de arrematar: “O Brasil vai crescer muito depois das privatizações, das reformas, da abertura do mercado

de gás, dessa junção Mercosul-União Europeia”. Como presidente do TSE até agosto de 2018, Fux tinha ido a outro evento da XP, em maio do ano passado, mas aí de forma clandestina. Um encontro com a *crème de la crème* dos banqueiros globais. “Semana passada recebemos o presidente do TSE, ministro Fux, por exemplo, e não saiu nenhuma nota na imprensa”, “nem sobre a presença dele na XP”, segundo mensagens escritas por uma funcionária da consultoria em 17 de maio de 2018 e reveladas pelo The Intercept. A funcionária tentava convencer Dallagnol a aceitar um encontro furtivo também e conseguiu. Na plateia, JP Morgan, Goldman Sachs, Merrill Lynch, Deutsche Bank, Citibank, e por aí vai.

Por que um juiz do Supremo se senta às escuras com banqueiros? Para fazer política? Em 28 de setembro de 2018, com a eleição a mil, Fux proibiu Lula de dar uma entrevista. Esta havia sido autorizada por um colega de STF, Ricardo Lewandowski. Cabe a Lewandowski, aliás, cuidar hoje de duas ações delicadas para o governo: uma do PDT contra a MP do Estado mínimo, outra do PT a pedir investigação do vazamento de Moro a Bolsonaro sobre o inquérito do laranjal do PSL. Ao revogar a decisão de um colega, Fux inovou no Supremo. Como se viu nas conversas secretas de Dallagnol, a Lava Jato não queria a entrevista de Lula, para prejudicar o presidencialista petista, Fernando Haddad. O único áudio divulgado pelo The Intercept até a conclusão desta reportagem, em 1º de agosto, mostra Dallagnol justamente a dar a “boa notícia” da decisão de Fux aos colegas.

Fux até aqui é a estrela do STF nas conversas secretas. Despontou duas vezes. A outra foi em meados de junho, graças a um papo escondido tido com Dallagnol em 22 de abril de 2016. Cinco dias antes, os deputados haviam aprovado o *impeachment* de Dilma. A troca de governo era iminente, e o chefe da força-tarefa



A trinca do STF citada nas conversas secretas. Edson ‘aha uhu é nosso’ Fachin diz que juiz também comete ilícitos e deve ser punido. Punirá Moro? Barroso recebeu “com a máxima discrição” Moro e Dallagnol em jantar em 2016. Fux, em quem Moro *trust*, teve reunião clandestina com banqueiros perto da eleição de 2018 na condição de chefe do TSE



CARLOS MOURA/STF, DORIVAN MARINHO/STF E ROSINEI COUTINHO/STF



Seu País

foi sondar o juiz. Saiu feliz, como contou a procuradores e a Moro. “Disse para contarmos com ele para o que precisarmos, mais uma vez”, escreveu Dallagnol. “Excelente. *Influx we trust*”, respondeu Moro. “Esse caso não quero comentar, até porque tenho profundo respeito pelo magistrado (Moro)”, afirmou Fux enigmaticamente depois. Detalhe: é ele quem cuida de uma ação do PDT contra a ordem de Moro de destruir material obtido pela PF com os *hackers* de Araraquara.

Aquela funcionária da XP que chamou Dallagnol para papear com banqueiros contou ao procurador que outro juiz do STF, Luís Roberto Barroso, fora convidado e negociava data. Barroso também é pró-reformas antipopulares e chegou a conversas no escurinho. Em 9 de agosto de 2016, recebeu Dallagnol e Moro em um jantar em casa. Ao acertar os detalhes seis dias antes, disse por mensagem escrita e privada, conforme revelado pelo *The Intercept*: “Com máxima discrição. Na medida do possível, desejamos manter como um evento reservado e privado”. À *Folha*, afirmou que não foi um jantar secreto, que havia 23 convidados em sua casa e nada se falou de Lava Jato.

A ver como o punitivista e neoliberal Barroso cuidará da interpelação movida um dia antes da volta do STF pelo presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Felipe Santa Cruz, contra Jair Bolsonaro. O advogado quer explicações sobre a declaração do presidente de que, se Santa Cruz “quiser saber como é que o pai dele desapareceu no período militar, eu conto para ele. Ele não vai querer ouvir a verdade. Eu conto para ele”. Horas depois, o pinóquio dizia na internet, enquanto seu cabelo era cortado, que Fernando Santa Cruz foi morto por colegas de militância antiditadura, uma mentira negada por um documento da Aeronáutica que está no relatório da Comissão Nacional da Verdade, de 2014.



Marco Aurélio:
para deter Bolsonaro,
só a mordaça

Diante da invencionice, Marco Aurélio Mello, do Supremo, comentou com um jornalista que, para deter a verborragia presidencial, só “criando um aparelho de mordaça”. Depois negou a frase e afirmou que quem precisava de mordaça era ele próprio, Marco Aurélio.

Bolsonaro e Moro estão irritados com Felipe Santa Cruz. Entre outras, o advogado chamou o ministro de “chefe de quadrilha”, devido ao comportamento de Moro na investigação da PF dos *hackers* de



Araraquara, um inquérito cujo objetivo é intimidar Greenwald. A investigação até aqui indica que Moro errou feio ao teorizar sobre o tema perante deputados, em 2 de julho. As invasões, disse, não seriam obra de “adolescente com espinhas”, mas de “alguém com muitos recursos” interessado em “invalidar condenações da Operação Lava Jato e impedir novas investigações”. O quarteto de Araraquara preso em 23 de julho está mais para jovens com espinhas.

O personagem principal é Walter Delgatti Neto, de 30 anos, o “Vermelho”, devido à ruivice, ex-filiado do DEM. À PF, ele disse ter descoberto em março um jeito de arranjar a senha de Telegram de outras pessoas. Bastava ligar para um celular usando o mesmo número desse celular, algo que podia ser feito pela web com programas do tipo Skype. Feita a descoberta, resolveu azucrinar um promotor de Justiça, Marcel Zanin Bombardi, que o acusara de tráfico de drogas pelo uso de um remédio

Delgatti Neto declara não se ter vendido, mas a polícia ainda insiste: há dinheiro na jogada



que toma desde a infância. Ao entrar no Telegram dele, descobriu um grupo de bate-papo de procuradores. Pegou novos números de celular na agenda do promotor, voltou a aplicar o método de descoberta da senha e chegou ao deputado Kim Kataguirí. Deste foi ao juiz do STF Alexandre de Moraes, deste ao ex-PGR Rodrigo Janot e deste a procuradores de Curitiba e a Dallagnol.

Nas conversas de Dallagnol, sentiu mau cheiro e resolveu procurar um jornalista. Pensou em Greenwald, devido ao caso Edward Snowden. Chegou a ele no Dia das Mães, 12 de maio, através da ex-deputada Manuela D'Ávila, de quem obteve o celular em um Telegram invadido. Manuela está no exterior, confirmou o relato e disse que fala à PF ao voltar ao Brasil. Greenwald não confirma, pois a Constituição lhe garante o direito de esconder o nome das fontes. À PF, Delgatti Neto disse não ter adulterado conversas nem recebido grana para obtê-las e entregá-las. A polícia não desistiu de descobrir se há dinheiro na jogada. Interessa ao superior. Logo após a prisão dos *hackers*, Eugênio Aragão, ex-ministro da Justiça, dizia à reportagem que Moro é “inescrupuloso” e “vai tentar jogar nas costas do Glenn uma receptação (*aquisição de coisa roubada*)”. Na mosca: em 31 de julho, Bolsonaro comparou Greenwald a um “acusado do crime de receptação”.

O uso jornalístico de material surrupiado não começou agora. A espionagem da agência americana NSA contra Angela Merkel, Dilma e a Petrobras foi revelada em 2013 por Greenwald, porque Snowden passou a mão em arquivos sigilosos. O famoso caso dos “papéis do Pentágono” nasceu em 1971 nos Estados Unidos da mesma maneira. Um funcionário do Departamento de Defesa, Daniel Elsberg, cansou das mentiras do

No PT, não há muita esperança quanto à libertação de Lula

governo sobre a Guerra do Vietnã e deu a jornais uma papelada secreta a expor as invencionices. Richard Nixon, presidente à época, foi à Suprema Corte tentar censurar o noticiário e perdeu: 6 a 3 pela liberdade de imprensa. Aqui, o STF foi acionado pelo partido Rede para proteger Greenwald de investigações. A ação está com Gilmar Mendes, para sorte do jornalista. O juiz está a favor do noticiário.

A Associação Brasileira de Imprensa, a ABI, acaba de promover no Rio um ato com centenas de pessoas de apoio a Greenwald. Presentes artistas como Chico Buarque, Camila Pitanga e Wagner Moura. Chico soltou o verbo: “Agora está explícito pra quem quiser ver e aprender o quanto se armou, o quanto se tramou, para eleger este governo, o que se armou por baixo dos panos pelos grandes órgãos de comunicação, exaltando seus heróis juizes e procuradores.



Felipe Santa Cruz, presidente da OAB, processa Bolsonaro



Zavascki, depois da divulgação do telefonema entre Lula e Dilma: para Moro, só um puxão de orelha

O juiz Sérgio Moro foi eleito o homem do ano, o homem que faz a diferença e hoje sabemos qual a diferença. É ‘Lula tá preso, babaca’, ‘Dilma caiu, babaca’. Eu, dentro da minha babaquice, quero prestar minha homenagem, minha solidariedade aos jornalistas do Intercept, e especialmente a Glenn Greenwald pelas ameaças que vem sofrendo do Bolsonaro ‘de pegar uma cana’ e do ministro Moro de ser deportado”.

Em Porto Rico, o governante da ilha que é território americano, Ricardo Rosselló, deixaria o cargo em 2 de agosto por um caso parecido com o de Moro. Ao menos foi o que Rosselló disse em 24 de julho que faria. Um consórcio de jornalistas locais divulgou conversas privadas dele mantidas por Telegram com 11 homens. Nas conversas, uma penca de comentários machistas e sexistas. Protestos populares tomaram as ruas, e Rosselló resolveu renunciar. Aqui, as conversas de Moro não causaram reação. A maioria até reprova a conduta do ex-juiz, conforme o Datafolha, mas não



Na ABI do Rio, a homenagem a Glenn Greenwald e família

acha que ele deveria sair do cargo. Em um gesto político, pediram a cabeça de Moro alguns líderes opositores como Haddad, Flávio Dino, Guilherme Boulos, Ricardo Coutinho, Roberto Requião e Sonia Guajajara. O PT requereu ao Supremo o afastamento de Moro, devido ao inquérito da PF sobre os *hackers*, assunto de interesse direto do ministro, mas é improvável que a corte tope.

Trata-se de um Supremo “intimidado pela opinião pública”, na visão de José Carlos Dias, ex-ministro da Justiça. A parcela raivosa da sociedade, bolsonaristas à frente, defende fechar a corte: 32%, segundo uma pesquisa de julho encomendada pelo Jota, site de notícias jurídicas. Um índice próximo ao divulgado no mês anterior no levantamento internacional Barômetro das Américas, feito por uma universidade americana, a Vanderbilt, em parceria com a FGV. Nesse levantamento, 38% aceitavam dissolver o Supremo. Entre as pessoas que se autodefiniam “de direita”, mais da metade queria baixar as portas da corte, 52%. Ecos do astrólogo Olavo de Carvalho, que prega “aterrorizar” os “filhos da puta” do STF. E de Eduardo Bolsonaro, para quem bastam um cabo e um soldado para fechar o Supremo.

Entre os bolsonaristas, o ódio ao tribunal nasce em primeiro lugar da crença de que a corte protege direitos, e direitos são algo que eles pensam que têm desgraçado o País. É o que diz a antropóloga social Isabela Oliveira Kalil, da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Isabela é estudiosa de

O ex-capitão já cuidou de exonerar a inconfiável procuradora Eugenia Gonzaga para substituí-la por um assessor da ministra Damares



O STF foi acionado pelo Rede para proteger Greenwald. A ação está com Gilmar Mendes. Sorte do jornalista?

movimentos conservadores e tem dedicado atenção aos apoiadores presidenciais. “Vi em manifestação que o STF deveria ser fechado e que a Polícia Federal deveria assumir no lugar. Essa pessoas



acreditam que o Brasil teria muitos direitos, que precisaríamos de um regime mais autoritário, de endurecimento das leis, de menos direitos.” Segundo ela, esses extremistas acham o tribunal aparelhado por indicações “ideológicas, comunistas” de Lula e Dilma. Tal aparelhamento daria as caras, por exemplo, em decisões favoráveis ao casamento gay, à criminalização da homofobia, à adoção de nome social por pessoas trans e ao aborto em certas circunstâncias.

Não é à toa que Bolsonaro pretende indicar alguém “terrivelmente evangélico” para o Supremo. Quer que o indicado lhe diga amém. Se bem que com Toffoli e Fux no comando da corte, o amém já é garantido.

Em tempo: Em represália à recente publicação do atestado de óbito a confirmar que Fernando Santa Cruz foi assassinado pela ditadura, Bolsonaro substituiu a presidente Eugenia Gonzaga e outros três integrantes da Comissão de Mortos e Desaparecidos Políticos por militares integrantes do PSL. Agora, o órgão é comandado pelo advogado Marco Vinicius Pereira de Carvalho, filiado ao partido do presidente e assessor da ministra Damares Alves. •

LUCAS REZENDE/FUTURA PRESS/FOLHA PRESS E REPRODUÇÃO